



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 - 2020

Dossiê Literatura e Gênero

The wizards of once: quando magos e guerreiros se encontram

The wizards of once: when wizards and warriors meet each other

Páscoa Maria Pereira Duarte¹

Resumo: Este artigo apresenta uma análise do conflito entre as duas culturas presentes no primeiro livro da série *The wizards of once*, de Cressida Cowell, a partir da perspectiva do eurocentrismo, da alteridade e dos direitos humanos, utilizando como teóricos principais Aníbal Quijano, Janet Paterson e Lynn Hunt.

Palavras-chave: Eurocentrismo; alteridade; direitos humanos; Cressida Cowell.

Abstract: This paper presents an analysis of the conflict between the two cultures presents in the first book of the series *The wizards of once*, by Cressida Cowell, based on the perspective of eurocentrism, otherness and humans rights, having as main theorists Aníbal Quijano, Janet Paterson and Lynn Hunt.

Keywords: Eurocentrism; otherness; humans rights; Cressida Cowell.

“‘It is easy to destroy,’ said the Enchanter. ‘But I am not like a Warrior, impressed by destruction. It is far harder to create, and creations is what we Wizards are all about.’”

Cressida Cowell, *The wizards of once* - book 1, p. 164.

Cressida Cowell é uma escritora inglesa que nasceu em 15 de abril de 1966 e cresceu entre Londres e uma ilha pouco habitada no oeste da Escócia. É autora e ilustradora das séries de livros *How to train your dragon* (Como treinar o seu dragão) e *The wizards of once* (No tempo dos feiticeiros)², cujo primeiro livro da série é o *corpus* desse artigo. A obra possui dois protagonistas: uma menina guerreira, Wish, e um menino mago, Xar. A história se passa “in a British Isles so old it did not know it was the British Isles yet”.³ (COWELL, 2017, p. XI), e os clãs aos quais as duas crianças pertencem estão em conflito: os guerreiros chegaram no território em que já habitavam os magos, bem como outras criaturas mágicas, e decidiram exterminar ou retirar a magia desses nativos. Primeiro, lutaram e extinguiram as bruxas, que possuíam *bad magic*, e, agora, guerreavam com os magos e os demais seres, ao mesmo tempo em que destroem a floresta para a construção de seu novo mundo (Fig. 1). Com esse pano de

¹ Mestranda em Letras (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e licenciada em Letras (Universidade Federal do Amazonas).

² Nas citações de trechos da obra, será utilizada a versão original em língua inglesa e colocado em notas de rodapé a tradução da obra em português lançada pela editora Intrínseca. No decorrer do texto, os nomes de personagens serão mantidos iguais ao original e optou-se por nomear os “*wizards*” de “magos”.

³ “em Ilhas Britânicas tão antigas que ainda nem sabiam que eram as Ilhas Britânicas” (COWELL, 2018, p. 13).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

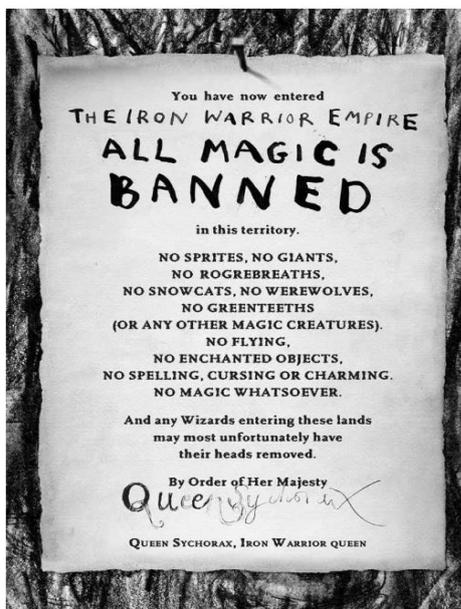
PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero



fundo, o livro acompanha os dois protagonistas que, apesar de pertencerem a clãs rivais e inicialmente possuem objetivos diferentes, unem forças ao depararem-se com um inimigo em comum (uma bruxa). Xar e um de seus amigos, o *sprite* Squeezjoos, são contaminados pelo sangue da bruxa e sua remoção é aconselhada sob risco de se tornarem malignos ou, no caso do *sprite*, a outra possibilidade é a morte. Wish, por sua vez, precisa retornar uma espada roubada de sua mãe, a rainha dos guerreiros, às masmorras sem ser descoberta, além disso, ela também se preocupa com Squeezjoos, que está nessa situação por tê-la salvado. A partir daí, os protagonistas e seus companheiros irão explorar o forte dos guerreiros e descobrir alguns de seus segredos, tais como o que acontece com os seres mágicos capturados.

Figura 1. Cartaz afixado pelos guerreiros. (COWELL, 2017, p. xiii).

The wizards of once (book one) teve sua

primeira edição na língua original lançada em 19 de setembro de 2017 e sua tradução para o português feita por Marina Vargas é de 13 de abril de 2018, sendo uma obra recente, por isso ainda pouquíssimo estudada. Este artigo propõe sua análise a partir de reflexões sobre o eurocentrismo, a alteridade e os direitos humanos, examinando o conflito existente entre os clãs, bem como o processo de remoção da magia a que são submetidos os seres mágicos pelos guerreiros e o que é feito deles após esse procedimento. Para isso, utilizar-se-á como arcabouço teórico os autores Janet Paterson (2007), Aníbal Quijano (2000) e Lynn Hunt (2009). Não se ignora, conforme já foi mencionado, que a escritora da obra é inglesa, mas ao especificar esse lugar de fala e apoiar-se nos estudiosos escolhidos, acredita-se válida e pertinente a análise da narrativa sob o viés proposto.

O livro escolhido é categorizado como literatura infanto-juvenil e não é novidade o *status* menor atribuído a esse grupo, relacionando-o, na maioria dos casos, devido ao seu público estabelecido como alvo e à sua origem educativo-moralizante, com a pedagogia e/ou



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

a cultura de massas em vez de com a arte. (ZILBERMAN, 1984). Todavia, propõe-se aqui um estudo que não separará a obra do reduto literário, isto é, não será tratada como um texto que só comunicaria a um público específico, procurando, dessa forma, não ignorar o leitor adulto que também consome essas composições; caso contrário, corre-se o risco de cair no tradicional dualismo ‘eu’ *versus* ‘outro’, em que essas obras são rotuladas de modo a ocupar o lugar da outridade na equação, e as demais, dirigidas oficialmente ao público maduro, serem as neutras, não necessitando defini-las como ‘literatura adulta’.

Eurocentrismo e alteridade: essa história soa familiar...

Aníbal Quijano (2000), em *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*, aborda a noção de raça como um dos eixos fundamentais do novo padrão de poder que se estabelecia na América, fundamentando as relações de dominação. A identificação do lugar de origem ganhou, a partir daí, uma conotação racial identitária. Com o tempo, a cor destacou-se como o traço distintivo típico racial, os africanos que eram a principal força de trabalho passaram a ser identificados pela cor de sua pele negra, enquanto os conquistadores identificaram-se como brancos. Segundo o autor, viveríamos sob o signo da colonialidade do poder, isto é, apesar de termos voz, ainda não teríamos conseguido superar a herança e as consequências da colonização (QUIJANO, 2000).

Em *The wizards of once (book one)*, não é feita uma distinção pela cor da pele entre as duas tribos, pelo menos, não literalmente; são marcadas duas grandes diferenças entre os clãs: o lugar de origem e a magia/ferro.

There were many types of humans living in the wildwoods.

The Wizards, who were Magic.

And the Warriors, who were not.

The Wizards had lived in the wildwoods for as long as anyone could remember, and they were intending to live there forever, along with all the other Magic things.

Until the Warriors came. The Warriors invaded from across the seas, and though they had no Magic, they brought a new weapon that they called IRON, and *iron was the only thing that Magic could not work on*. [...] The Warriors thought that just because *some* Magic was bad, *that* meant that ALL Magic was bad. [...] The Warriors had sworn that they would not rest until they had destroyed EVERY LAST BIT OF MAGIC in the whole of that dark forest which they



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

were chopping down as fast as they could with their iron axes to build their forts and their fields and their new modern world.⁴ (COWELL, 2017, p. XI-XII, grifos da autora).

Os guerreiros vêm de um local não identificado, apenas é dito que “invadiram do mar” (na tradução, o verbo ‘invadir’ foi atenuado para ‘vir’), e usam o ferro, enquanto os magos são nativos do local onde se passa a história e praticam magia. No plano simbólico, ao fazer um paralelo com a história das conquistas e colonizações, é possível interpretar a magia como uma maneira de representar a cor da pele, pois, em última instância, ela é apresentada como o principal distintivo entre os dois povos, sendo o objetivo dos guerreiros exterminar essa característica diferenciadora, não necessariamente as pessoas que a ostentam. Além disso, percebe-se que a marcação é de que os guerreiros *não* eram mágicos, em consonância com a tratativa de neutralidade instituída aos brancos que, ao entrar em contato com os africanos, por exemplo, estes eram os negros e aqueles não. A escolha do elemento “ferro” para os guerreiros também é reveladora, sendo dito que a magia não conseguia trabalhar nele, representando um traço de inexorabilidade e rigidez.

Na nova estrutura econômica de produção, o “capitalismo mundial”, raça e divisão do trabalho alimentaram uma relação simbiótica, mas não imperiosamente dependentes uma da outra. A Europa configurou-se como a “sede central del control del mercado mundial” (QUIJANO, 2000, p. 206), aos brancos eram atribuídos os postos assalariados enquanto às demais raças, tidas como inferiores, restavam as funções de servidão e escravidão, pois a ordem natural destinava-as a servirem aos seus senhores. Assim temos definida a “geografia social del capitalismo” (QUIJANO, 2000, p. 208) que iniciou a sua história como eurocêntrico e racial.

⁴ Muitos tipos de humanos viviam nas florestas selvagens.

Os feiticeiros que eram mágicos.

E os guerreiros que não eram.

Os feiticeiros viviam nas florestas havia tanto tempo quanto qualquer um era capaz de lembrar, e pretendiam viver lá para sempre, junto com todos os outros seres mágicos.

Até que os guerreiros chegaram. Eles vieram dos mares e, apesar de não possuírem Magia, possuíam uma nova arma, que chamavam de FERRO. *E o ferro era a única coisa em que a Magia não funcionava.* [...] Eles achavam que só porque *algumas* Magias eram ruins, TODA Magia era ruim. [...] Os guerreiros juraram só descansar quando tivessem destruído ATÉ O ÚLTIMO RESTINHO DE MAGIA em toda a floresta negra, cujas árvores eles estavam derrubando o mais rápido que podiam, com seus machados de ferro, para erguer fortalezas, acampamentos e o novo mundo moderno. (COWELL, 2018, p. 13-14, grifos da autora).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

Conforme José Henrique Bortoluci (2009, p. 55), no artigo *Para além das múltiplas modernidades: eurocentrismo, modernidade e as sociedades periféricas*, “o ‘Ocidente’ passa a ser visto como a cultura padrão, detentora de uma série de características essenciais, em termos das quais as outras sociedades seriam tratadas como deficientes”. A Europa em especial seria caracterizada pela modernização, ostentando uma completude a ser atingida pelas demais culturas ‘atrasadas’, como um modelo a ser seguido, um destino almejado. “Segundo aquela postura eurocêntrica, a modernidade, para sociedades que não fazem parte de seu centro irradiador, apareceria como um ponto de chegada – nesse processo, como não poderia deixar de ser, *‘this means, of course, that we expect they will end up looking like us’*” (TAYLOR & LEE, 2008, grifos dos autores *apud* BORTOLUCI, 2009, p. 69).

Os xingamentos, por exemplo, trocados entre as tribos da narrativa são “forest-poisoner” e “magic-destroyer” para os guerreiros, “curse-maker” e “child-eater”⁵ para as criaturas mágicas (COWELL, 2017, p. 74). Os protagonistas logo que se encontram pela primeira vez trocam esses insultos, em um automatismo por pertencerem a clãs diferentes. Os boatos e estereótipos também são comuns em rivalidades desse tipo: os guerreiros acreditam que os gigantes comem pessoas, o que não é verdade, pois eles são vegetarianos. Ao descobrir essa informação, Wish fica surpresa e começa a questionar-se, iniciando uma lenta implosão na oposição binária ‘nós’ e ‘eles’:

Was it possible that Warriors had been mistaken in their view of Magic all along? Could there be another way of looking at things, other than the Warrior way?

Wish’s world view was spinning upside down, and that is always a difficult moment.

‘Dont listen to them, princess!’ said Bodkin. *‘They’re putting a spell on us! They’re trying to make us see things from their point of view!’*⁶ (COWELL, 2017, p. 82-83, grifos da autora).

Tais xingamentos e boatos têm a função de alimentar a outridade e evitar ser colocado sob o feitiço de ver a situação com o ponto de vista alheio: se diferencio o outro e faço-o atribuindo-lhe uma característica com valor negativo, logo ele não é igual a mim e tenho

⁵ “envenenadora da floresta” e “destruidora de magia”, “lançador de maldições” e “devorador de criancinhas” (COWELL, 2018, p. 92-93).

⁶ Seria possível que os guerreiros estivessem errados em sua visão da Magia aquele tempo todo? Poderia haver um modo de vida diferente do deles?

A visão de mundo de Desejo estava sendo virada de cabeça para baixo, e momentos assim são sempre difíceis.

- Não ouça o que eles dizem, princesa! – alertou Magriço. – *Estão nos enfeitando! Estão tentando nos fazer ver as coisas do ponto de vista deles!* (COWELL, 2018, p. 100-101, grifos da autora).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

motivos para querer mudá-lo ou destruí-lo. Conforme diz Janet Paterson, em entrevista publicada na revista *Aletria*:

Alteridade e identidade são inseparáveis. Entretanto, essa relação depende da distinção entre diferença e alteridade. A diferença é inerente aos nossos processos cognitivos, pois nos permite distinguir entre dia e noite, guerra e paz, baixo e alto e quente e frio. Há muitos contextos nos quais uma pessoa é diferente da norma (raça, gênero, religião, identidade sexual, características físicas etc.). Porém, como explica Landowski, o que está em jogo não é a diferença. Ou seja, é a atribuição de características (ou marcas) semânticas à diferença que produz alteridade. [...] o processo que Landowski chama de construção da alteridade. É desnecessário dizer que essa construção é arbitrária e reflete a ideologia e o desejo de poder de um grupo dominante. O importante é compreender que o que está em jogo não é a diferença. Nós habitamos um mundo cheio de diferenças. A questão é a forma pela qual interpretamos e lidamos com todas essas diferenças. Daí a necessidade de refletir e reconsiderar o conceito de alteridade. Em última análise, nossa esperança de um mundo melhor reside no respeito por todas as diferenças, e na capacidade renovada de se reconfigurar a questão da identidade. (PATERSON, 2007, p. 16).

Nessa via de construção da alteridade, ainda como parte de seu projeto hegemônico, a Europa buscou controlar a cultura, a subjetividade e o conhecimento dos povos dominados, reprimindo a língua nativa, por exemplo, e reescrevendo a cultura local pela colonizadora. O etnocentrismo aliado à invenção da noção de raça baseou o pensamento europeu de superioridade natural: a modernidade e a razão eram produtos do colonizador, e a ordem evolutiva da civilização humana iniciava na natureza e atingia seu ápice no modelo urbano da Europa, entendido como desejável por todos (QUIJANO, 2000). Pode-se ver bem essa perspectiva no seguinte diálogo entre Xar e Sychorax, a rainha dos guerreiros:

‘I am Xar, son of Encanzo, the Great King Enchanter,’ said Xar proudly. ‘And the wildwoods belongs to US, WIZARDS, not you stupid Magic-less, heartless invaders!’ Queen Sychorax sighed. ‘The ignorance of these poor Wizards’, she said. ‘We are civilisation. We are progress. Look at us. Look at our weapons, our clothes, our tapestries, our furniture. You Wizards, in comparison, are barely better than animals...’⁷ (COWELL, 2017, p. 214).

A relevância dada aos bens materiais que os guerreiros possuem e os feiticeiros não, pois estes depositam seu valor em outros elementos, como os da natureza, coaduna com a perspectiva etnocêntrica sustentada pelos recém-chegados e sua visão de modernidade que deve ser almejada pelos demais. Em outro momento da narrativa, Sychorax proclama que

⁷ - Eu sou Xar, filho de Encanzo, o Grande Rei Encantador – respondeu Xar, orgulhoso. – E as florestas pertencem a NÓS, FEITICEIROS, e não a vocês, invasores estúpidos, sem coração e sem Magia.

A rainha Sicórax suspirou.

- A ignorância desses pobres feiticeiros não tem limites – disse ela. – Nós somos a civilização. Somos o progresso. Olhe para nós. Olhe para nossas armas, nossas roupas, nossas tapeçarias, nossos móveis. Vocês, feiticeiros, em comparação, são pouco melhores que animais... (COWELL, 2018, p. 232).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

“reading and writing is a sign of how superior and civilised us Warriors are”⁸ (COWELL, 2017, p. 236). Quanto a esse modo elevado de considerar a si, um dos *sprites* replica à rainha, oferecendo uma outra perspectiva de valoração: “‘And why do you need these Warrior knick-knacks?’ hissed Ariel. ‘When you have the moon to dance under, and a violin to sing the tune? Are they worth your freedom, your wandering spirits?’” (COWELL, 2017, p. 214).⁹

O eurocentrismo caracterizar-se-ia, portanto, como um modo de vida tido por superior, acompanhado pelas alcunhas de desenvolvido, refinado, civilizado e culto, sendo assim, sociedades divergentes do estilo europeu seriam inferiores, conseqüentemente, ainda em desenvolvimento. Ademais, além de atrasados e primitivos, os povos a serem salvos pela cruzada colonial eram racialmente inferiores, seus traços fenóticos indicavam com clareza biológica não estarem no mesmo patamar dos seus senhores, eram o outro, o diferente. (QUIJANO, 2000). Em suma, trata-se de uma “perspectiva de conhecimento” iniciada na e pela Europa a partir do século XVII, dizendo respeito a um modo hegemônico e colonizador de ver e pensar o mundo (QUIJANO, 2000, p. 219).

O processo de colonização encontrou diversos povos nas regiões americanas, cada qual com sua língua, cultura e identidade, entretanto, chegou até nós apenas os nomes de alguns, os mais proeminentes, ao final todos eram índios. Da mesma forma, com os africanos, todos foram identificados com a nomenclatura igualmente racial de negros, evidenciando o apagamento da identidade desses povos e a conseqüente atribuição de uma nova imbuída de uma negatividade racial inferiorizante. Aliás, em vários momentos da obra de Cressida Cowell, é evidenciado que os magos não estão levando a melhor no conflito, tendo seu modo de vida ameaçado cada vez mais. Swivelli, por exemplo, um mago de uma tribo concorrente do rei atual, defende que eles precisam lutar como seus ancestrais fizeram, urgindo a necessidade de uma batalha definitiva contra os guerreiros (COWELL, 2017, p. 137):

‘Confronting the Warriors would only be a good thing if it was a fight that we could *win*’, said the Enchanter, trying to keep his temper.

⁸ “ler e escrever são sinais de como nós, guerreiros, somos superiores e civilizados” (COWELL, 2018, p. 254).

⁹ “- E por que alguém precisaria de toda essa tranqueira dos guerreiros – sibilou Ariel – quando se tem a lua sob a qual dançar e um violino para tocar uma melodia? Essas coisas todas valem sua liberdade e seu espírito?” (COWELL, 2018, p. 233).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

‘Why do you think we cannot win it?’ shouted Xar. ‘Maybe the Warriors are wiping us out anyway, while we hide here in our slowly shrinking forest, twiddling our thumbs, and thumbing our fiddles and doing our poxy little Magic spells and love potions, while they burn up our forest and kill our giants and destroy our entire way of life!’¹⁰ (COWELL, 2017, p. 161-162, grifo da autora).

É nítido que nesse primeiro livro, os magos e as demais criaturas mágicas estão perdendo terreno e enfrentando uma destruição da sua cultura, com o ambiente ao seu redor sendo modificado. Ressalta-se, ainda, que eles possuem uma forte conexão com a natureza, conforme evidenciado por esse trecho e outras citações anteriores, a exemplo da resposta de Ariel à rainha Sychorax, sendo julgados inferiores por isso. De acordo com Quijano (2000, p. 223), na empresa colonial, também foi utilizado o dualismo cristão que separava corpo e alma, sendo esta o mais importante elemento do ser humano. Esse dualismo evoluiu para o binarismo cartesiano razão *versus* corpo, sendo a razão que diferenciava o homem dos demais animais e permitia a ele julgar-se naturalmente superior a eles (QUIJANO, 2000, p. 224). Conforme escreve Rita Schmidt (2017, p. 397), “onde há dualismos, há uma oposição binária calcada no privilégio de um termo sobre o outro, e onde há hierarquia, há controle”.

Ora, a separação entre natureza/corpo e espírito/razão também foi utilizada para validar a inferiorização de certas raças que, por não serem racionais como os brancos, não possuíam o mesmo grau de humanidade, não podendo ser tratadas como iguais, exatamente como ocorre na história em análise. Consoante alerta Paterson (2007, p. 15), “visto que a alteridade está na raiz das guerras, do racismo e da discriminação, é imperativo que ela seja reconceitualizada”. Daí propor-se uma via crítica de diálogo, e não da proeminência de um grupo, sendo a literatura um excelente meio para a expressão dos conflitos envolvendo o ‘eu’ e o ‘outro’. Recuperam-se, nesse sentido, as palavras de Rita Schmidt:

a literatura absorve, sedimenta e molda estruturas de referencialidade que remetem a modos de pensar e a padrões de comportamentos que, de uma maneira ou outra, responde às sobredeterminações histórico-sociais dos diferentes contextos geoculturais em que é produzida.

¹⁰ - Confrontar os guerreiros só seria uma boa ideia se fosse uma luta que pudéssemos *vencer* – explicou o rei Encanzo, tentando manter a paciência.

- Por que acha que não podemos vencer? – gritou Xar. – Talvez os guerreiros já estejam nos vencendo de qualquer maneira enquanto ficamos aqui escondidos em nossa floresta cada vez menor, girando os polegares, tocando violino e fazendo nossos feitiços e poções do amor imbecis. Enquanto isso, eles queimam nossa floresta, matam nossos gigantes e destroem todo o nosso modo de vida! (COWELL, 2018, p. 179, grifo da autora).



[...] nenhuma convenção é neutra, puramente mimética ou estética, e que valores artísticos são sempre valores sociais. (SCHMIDT, 2017, p. 402).

Para encerrar este tópico e introduzir o seguinte, resgata-se um trecho em que Wish revela empatia para com o “inimigo”, pois, ao conhecê-lo e estabelecer uma amizade com ele, as características negativas que o colocavam como o ‘outro’ começam a ruir e dar lugar ao diálogo; porém, sua mãe questiona esse comportamento, rechaçando-o, dado que sua personagem ainda está mergulhada numa visão etnocêntrica, sendo, inclusive, sua representante máxima ao ocupar a posição de líder do clã:

‘Sprites and Wizards are Magic and Magic is *bad*, so it does not matter if the sprite was frightened and you should not be concerned about their fate anyway,’ said Queen Sychorax waspishly. ‘Why are you sympathising with the enemy and how dare you question my decisions? I will do exactly what I think is right.’¹¹ (COWELL, 2017, p. 231, grifo da autora).

Direitos humanos: quando se é o outro...

Para complementar a discussão e a análise, abordaremos agora a temática dos direitos humanos, a partir da obra *A invenção dos direitos humanos: uma história*, de Lynn Hunt. A autora alude à Declaração da Independência (EUA), de 1776, e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (França), de 1789, como documentos políticos fundadores de uma nova ordem baseada nos direitos humanos inerentes e iguais a todo cidadão; porém, nota-se a exclusão de alguns grupos, a saber, “as crianças, os insanos, os prisioneiros ou os estrangeiros” e os “sem propriedade, os escravos, os negros livres, em alguns casos as minorias religiosas e, sempre e por toda parte, as mulheres” (HUNT, 2009, p. 16).

A Declaração de Independência, de 1776, inicia um momento novo na história política norte-americana; as colônias queriam instituir sua própria soberania, separando-se da Coroa Britânica e instaurando um governo próprio. Essa vontade de constituir um Estado autônomo impulsionou a declaração dos direitos humanos, ainda que não se tivesse definido muito bem o conteúdo de tais direitos. Na França, a discussão sobre os direitos do homem encontrou eco, impulsionados pelo exemplo norte-americano: “os franceses declararam os direitos como

¹¹ - Elfos e feiticeiros são seres mágicos, e Magia é *ruim*, então não importa se esse elfo estava com medo. Você não deve ficar se preocupando com o destino dele – disse a rainha Sicórax, irritada. – Por que está se solidarizando com o inimigo? E como ousa questionar minhas decisões? Vou fazer exatamente o que acho certo. (COWELL, 2018, p. 249, grifo da autora).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

parte de uma crescente ruptura com a autoridade estabelecida.” (HUNT, 2009, p. 131). Um fenômeno não previsto pelo início dessas declarações foi o surgimento de questões inéditas, “o ato de declarar os direitos revelou-se apenas o primeiro passo num processo extremamente tenso que continua até os nossos dias.” (HUNT, 2009, p. 145).

Três qualidades estavam implicadas teoricamente na expressão direitos do homem: a naturalidade, a igualdade e a universalidade. Adicionalmente para sua prática, a empatia era um elemento fundamental, o sentir e ver-se como semelhante ao outro. Outra ideia-chave era a da autonomia, isto é, poder raciocinar e decidir por si mesmo, daí justificava-se a exclusão dos grupos mencionados no início: os loucos, por exemplo, não tinham o domínio da razão, e as mulheres eram sempre dependentes dos homens. Desde suas declarações formais, a discussão dos direitos humanos continuou um terreno fértil e sempre em constante cultivação, pois é mutante a percepção de quais devem ser esses direitos e a quem devem ser investidos (HUNT, 2009).

O caráter geral dos termos utilizados (homens, cidadãos, povo) deu margem para que aqueles grupos inicialmente excluídos na prática exigissem sua participação nos direitos políticos. Na França, por exemplo, gradualmente os direitos políticos foram oficialmente estendidos aos protestantes, a todas as profissões, aos judeus e aos negros livres. “Os debates sobre os direitos incitavam as comunidades de minorias a falar por si mesmas e a exigir reconhecimento igual.” (HUNT, 2009, p. 158). A sociedade escravagista ainda em voga também foi um tema trazido à discussão, a emancipação dos escravos ocorreu na França, por exemplo, em 1794; ainda que não tenha sido um ato altruísta *per se*, culminou no decreto de igualdade entre os homens, independente de cor. Essas lutas das minorias excluídas da cidadania deixaram claro que os direitos humanos comumente têm de ser exigidos, conquistados, não sendo concedidos por iniciativa própria pelos que se encontram no poder (HUNT, 2009).

Às conquistas mencionadas anteriormente não seguiram imediatamente tantas outras, os debates sobre os direitos naturais e universais, inclusive, perderam terreno. Segundo lista HUNT (2009), presenciou-se, em vez disso, o Terror e a era napoleônica na França, bem como a exacerbação nacionalista baseada fortemente na etnicidade, isto é, em uma ideia de



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

superioridade e pureza de raça, o que impulsionou a xenofobia, em particular, o antissemitismo. O crescimento desse nacionalismo baseado nas diferenças raciais apressou-se por buscar e fabricar explicações biológicas que o justificassem. Outros grupos desconfiados ou mesmo contrários à agenda dos direitos humanos foram os socialistas e os comunistas. Após o sufrágio universal masculino, os socialistas inclinaram-se para a participação no processo político, a formação de partidos e a defesa de direitos da classe trabalhadora, enquanto os comunistas posicionaram-se contra os direitos individuais. A Segunda Guerra Mundial revelou um horror até então não presenciado com seus quase 60 milhões de mortos, sendo em sua maioria civis, além da barbárie dos campos de concentração. Cinquenta e um países assinaram, logo após o fim da Guerra, em 1945, a Carta das Nações Unidas, e criou-se uma Comissão dos Direitos Humanos que redigiu a Declaração Universal dos Direitos Humanos aprovada em 1948. Apesar de suas imperfeições, conforme avalia Lynn Hunt (2009), essa Declaração serve de modelo e apoio a diferentes grupos na luta por direitos e mudanças, afinal, trata-se de uma problemática aparentemente sem fim e que, conforme se acompanhou desde o seu surgimento, ainda que pareça sumir por um período, reaparece com força e novas propostas em outro.

Nesse tópico, propõe-se colocar sob escrutínio a remoção da magia a que são submetidos os nativos do lugar, levantando a hipótese de que eles estão excluídos da noção de direitos humanos na perspectiva do clã dos guerreiros, pelos motivos já analisados de etnocentrismo e alteridade, não gozando de liberdade e autonomia para decidirem por si, além de serem submetidos a um constante tratamento desumano. O processo de remoção é descrito da seguinte forma:

‘But my mother doesn’t *kill* the sprites she captures,’ said Wish, ‘she just has this Stone-That-Takes-Away-Magic that she keeps in her dungeons and all she does is mercifully remove their Magic by placing them upon the stone...’

Wish’s voice trailed off as she remembered how much she didn’t want the spoon to have his Magic removed.

‘In a completely painless process...’ Bodkin prompted her.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

‘And you think *that* does not kill them?’ hissed Tiffinstorm. ‘Why not just remove their hearts entirely? A sprite without its Magic is a sprite who has lost its soul...’¹² (COWELL, 2017, p. 78-79, grifos da autora).

É manifestamente perceptível que esse procedimento é feito apenas com os nativos, pois, em tese, somente eles são mágicos; é caracterizado como um ato misericordioso e indolor por quem o gerencia, porém para quem está do outro lado é o equivalente a uma sentença de morte, um perder a própria identidade. Afinal, como já analisado, a magia é o traço distintivo desses habitantes, e essa empreitada de removê-la é bastante significativa perante os temas em discussão, pois relaciona-se com a história da colonização, que alterou drasticamente a configuração dos povos, destruindo e alterando culturas inteiras. No trecho, também podemos ver que, pelo efeito da empatia abordado por Hunt (2009), a personagem Wish descobre-se compartilhando desse outro ponto de vista e isso acontece ao lembrar não querer o mesmo para uma colher mágica que possuía como uma espécie de pet e amiga.

Na segunda parte da obra, é revelado qual o destino daqueles que tem sua magia retirada (a suposição de que tinham sido literalmente mortos advinha do fato de, uma vez capturados, não serem mais vistos) e a descrição do lugar, do tratamento e da forma como se sentem é bastante tocante:

Sychorax’s dungeons, as I mentioned earlier, were always filled with noise. An iron music of despair and sweetness, and beautiful things can come out of pain. The Once-Magic-people imprisoned in those underground regions could no longer perform Magic. They could not work their spells, the sprites could not fly, the giants were ve-ry slowly shrinking. For in one of the secret cells, in the lowest, deepest chamber of all, was Sychorax’s Stone-That-Takes-Away-Magic, and they had all been taken there, and they had touched the stone, and lost the Magic that made them what they were. They were then led back to their cells, and kept there, until they readjusted, and got used to life without their Magic. No one had quite got used to it yet, and so the Once-Magic-people who were living there filled the dungeons with noise. Melancholy noise, angry noise, regretful noise. The sound of the stamping feet of ogres, treading in sad slow circles. The howling of werewolves, the song of sprites, singing in high eerie voices about the bright old days.

¹² - Mas minha mãe não *mata* os elfos capturados – disse Desejo. – Ela tem uma Pedra Que Remove Magia nos calabouços. Ela só remove a Magia deles, colocando-os na pedra...

A voz de Desejo falhou quando ela começou a se lembrar de que não queria que a colher tivesse sua Magia removida.

- É um processo completamente indolor... – incentivou Magriço.

- E vocês acham que *isssso* não os mata? – indagou Tempestade-de-Desavenças. – Por que não remover seu coração, de uma vez? Um elfo sem Magia é um elfo sem alma... (COWELL, 2018, p. 96-97, grifos da autora). Nota-se que a palavra ‘misericordiosamente’ foi infelizmente perdida nessa tradução.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

It was the one thing they could do now. They had lost their wings, their spells, their hope. They had lost their sight, their light, for when Magic went from sprites, their colours faded, the inner light that burned so bright, flickered and died.

But they still made noise.

They were brought iron spoons, and iron dinner plates to eat from, and they clasped the iron in their no-longer-Magic fists or paws, and they tapped out a melancholy beat that drummed through the prison like the ache of a long-lost love.¹³ (COWELL, 2017, p. 243-244).

O confinamento daqueles que tiveram sua magia removida é bastante emblemático. Por um lado, os guerreiros não estão em uma cruzada de extermínio físico, daí, simplesmente, não mataram os seres mágicos, seu objetivo é eliminar o traço que distingue esses habitantes como diferentes, ou seja, a magia, e torná-los semelhantes a si, como é perceptível pela tentativa de reajustá-los à nova realidade, dando-lhes colheres e pratos de ferro para comerem, por exemplo. Porém, esse reajuste não saiu como planejado, nenhum dos nativos, até agora, conseguiu superar o trauma da perda identitária e, já que devolvê-los à tribo de origem não é uma opção considerada, eles são mantidos aprisionados em masmorras. Nesse ponto, é clara a violação aos direitos humanos da autonomia e da liberdade, uma vez que os “seres-outrora-mágicos” foram capturados e retirados de seus lares, privados de escolha para decidir sobre si, são obrigados a tocar a pedra que elimina o que os define como diferentes dos guerreiros. Sequer podem ir embora após o processo, mantidos em uma reeducação forçada para deixarem de ser o ‘outro’ e tornarem-se como o ‘eu-rocêntrico’.

¹³ Os calabouços de Sicórax, como já mencionei, estavam sempre repletos de barulho.

Uma melodia férrea de desespero e doçura misturados, pois a nostalgia tem sua doçura, e coisas belas podem surgir da dor.

Os seres-outrora-mágicos aprisionados ali não podiam mais fazer Magia, não podiam lançar seus feitiços; os elfos não podiam voar, os gigantes encolhiam bem leeeentameeente. E isso tudo porque em uma das celas secretas, na câmara mais profunda, ficava a Pedra Que Remove Magia, e todos tinham sido levados até ela e a tocado, perdendo assim a Magia que fazia deles o que eram. Em seguida, haviam sido levados de volta para suas celas e mantidos lá até se adaptarem à vida sem Magia.

Nenhum deles tinha se acostumado ainda, então os seres-outrora-mágicos ali embaixo enchiam os calabouços de ruídos. Sons de apatia, sons de revolta, sons de pesar. O ruído dos pés dos ogros andando devagar em círculos tristes. O uivo dos lobisomens e as canções dos elfos, que entoavam com vozes altas e fantasmagóricas sobre os luminosos tempos antigos.

Era a única coisa que podiam fazer agora. Tinham perdido as asas, os feitiços, a esperança. Tinham perdido a visão e a luz, pois, quando a Magia era retirada dos elfos, suas cores desbotavam. A luz interior que queimava neles com intensidade bruxuleava e morria.

Mas eles ainda faziam barulho.

Recebiam colheres de ferro e pratos de ferro com os quais comer; agarravam o ferro com seus punhos e patas não-mais-mágicos e produziam uma batida melancólica que ecoava pela prisão como a dor de um amor há muito perdido. (COWELL, 2018, p. 261-262).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

Algumas páginas mais a frente, temos uma descrição da canção entoada por esses nativos confinados:

Once you have heard the ‘Song of Lost Magic’, you never forget it.

The confusion of emotions in that song – the despair, the hope, the regret – coupled with the exquisite recreation of the Magic world and the powers that the Once-Magic-people realised in the moment of losing they had lost, and the way they echoed down the corridors repeating and mirroring and bouncing off the warren of walls, created a maze of noise and emotions and moral choices at least as disorientating and overwhelming as the physical maze itself.

‘Have we done right? Have we done wrong?’ sang the songs. ‘What have we lost? But had we no choice?’ And this song ran into other songs, about the beauty of the wildwoods at midnight, where only the eyes of Magic could see in the dark [...]

Ah yes, it was a strange haunted place, that underground prison, where Magic and iron and past and present and good and evil were being held together in a much more complicated and contradictory manner than you might expect from Sychorax’s confident iron hill-fort standing so proudly above them.¹⁴ (COWELL, 2017, p. 246-247).

A narração reforça a perda identitária, que representa o processo de remoção mágica, e a resistência desses seres, que não estão dispostos a abandonar suas tradições e teimosamente recusam se curvar perante a nova ordem de ‘modernidade’ em fase de implementação pelos guerreiros. É necessário destacar que esse aprisionamento não era conhecido pelos personagens principais (ambos, apesar de filhos dos respectivos líderes de cada clã, ainda são crianças) e, até se depararem com a situação, não haviam se questionado a respeito. Inclusive, provavelmente, não seja conhecido também pelos civis de cada clã, uma vez que não há indícios de ser aquele um assunto abertamente discutido. Wish, após descobrir e presenciar esses horrores, conclui não ser correta essa forma de lidar com o povo mágico: “This imprisonment of the Once-Magic-people was wrong, she could tell it was wrong. Her mother

¹⁴ Depois de ouvir a “Canção da Magia Perdida”, era impossível esquecer as vozes dos seres-outrora-mágicos ecoando pelos corredores, repetindo e ricocheteando no emaranhado de paredes. Ou ainda a mistura de emoções – desespero, esperança, pesar – combinada com a minuciosa recriação do mundo mágico e com a evocação da perda da Magia, criando um labirinto de sons, sentimentos e escolhas morais que era tão desorientador e opressivo quanto o próprio labirinto dos calabouços.

– *Teremos agido certo? Teremos agido errado?* – dizia a canção. – *O que nós perdemos? E que escolha teremos?* [...]

Ah, sim, era um lugar assombrado e estranho, aquela prisão subterrânea onde a Magia e o ferro, o passado e o presente, o bem e o mal se uniam de uma maneira muito mais complicada e contraditória do que se poderia esperar da segura fortaleza de ferro de Sicórax, que se erguia, orgulhosa, acima deles. (COWELL, 2018, p. 264-265).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

was mistaken. Not *wicked* like Xar said she was, of course not, but mistaken, nonetheless.”¹⁵ (COWELL, 2017, p. 329, grifo da autora). Os protagonistas e seus amigos, então, decidem libertar esses cativos e levá-los de volta às florestas, porém, de início, os “seres-outrora-mágicos” não querem ir:

But to Xar’s surprise, the Once-Magic-people were not so keen to escape as he expected. They stood there, even the loudest of the hobs rather silent and depressed, as if the air had leaked from a balloon, and the poor sprites who had lost their ability to fly, were só mortified they ran away, scuttling like mice across the prison floor.

They’re ashamed, Xar,’ explained Caliburn. ‘For what is a giant without his size? What is a sprite without her wings?’

They were like Warriors returning from battle, terribly wounded, these poor people, and they no longer knew how they would fit into the world of the Magic.¹⁶ (COWELL, 2017, p. 329).

A vergonha e incerteza por desconhecer seu lugar no mundo, dado sua nova condição, não se encaixando totalmente com os guerreiros nem com os magos, é colocada de uma maneira interessante. Evidencia-se que esse desconforto e problemática existem, mas não se tem uma solução, no primeiro volume da saga, para o modo como ocorrerá a reintegração na prática. Afinal, a libertação ocorre no encerramento da narrativa: Xar apenas consegue convencê-los a falar na possibilidade de ter as suas magias restauradas (ele e os outros seres ali não sabem se isso é, de fato, possível, todavia, a esperança de ter suas identidades recuperadas os motiva a voltar ao clã). A obra encerra com essa reunião feliz entre os mágicos e os outrora-mágicos: “The crowd gathered in Wizard camp gasped as they recognised family members, friends and colleagues that they thought they would never see again. They rushed to embrace their lost relatives with cries of joy.”¹⁷ (COWELL, 2017, p. 359).

¹⁵ “Aprisionar os seres-outrora-mágicos era errado, ela sabia. Sua mãe estava enganada. A rainha não era *perversa* como Xar dissera, claro que não, mas estava enganada mesmo assim.” (COWELL, 2018, p. 254, grifo da autora).

¹⁶ Para sua surpresa, os seres-outrora-mágicos não estavam tão entusiasmados para sair dali quanto ele imaginava. Eles ficaram parados, até o mais barulhento dos duendes bastante silencioso e deprimido, como se o ar tivesse escapado de um balão, e os pobres elfos que tinham perdido a capacidade de voar ficaram tão mortificados que fugiram, escondendo-se feito ratos no chão.

- Eles estão com vergonha, Xar – explicou Calíbano. – Afinal, o que é um gigante sem seu tamanho? O que é um elfo sem suas asas?

Aqueles pobres seres eram como guerreiros voltando de uma batalha, terrivelmente feridos, e não sabiam como se encaixariam no mundo da Magia. (COWELL, 2018, p. 347).

¹⁷ “A multidão reunida no acampamento dos feiticeiros ficou sem fôlego ao reconhecer membros da família, amigos e colegas que eles achavam que nunca mais veriam de novo. Todos correram para abraçar seus parentes com gritos de alegria.” (COWELL, 2018, p. 378).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

“O QUE exatamente elas significam?”

Retorno à Aníbal Quijano, na tentativa de estabelecer um paralelo entre a narrativa em análise e suas considerações sobre as particularidades da América Latina durante o projeto histórico eurocêntrico. De acordo com o autor, o estado moderno envolve duas características básicas: a cidadania e a democracia expressas em uma crença de que os membros daquela sociedade possuem uma identidade nacional comum e o direito de intervir na esfera política (QUIJANO, 2000, p. 226-227). Para chegar à formação desse estado, “un importante proceso de democratización de la sociedad es la condición básica para la nacionalización de esa sociedad y de su organización política en un Estado-nación moderno.” (QUIJANO, 2000, p. 229).

Na formação identitária norte-americana, os Estados Unidos reuniram uma maioria branca que era logo integrada à nova identidade local enquanto, na maioria dos países latino-americanos, tinha-se uma maioria negra, índia ou mestiça, porém privada de participação política, cabendo o poder a uma elite branca. Dessa forma, nesses países não havia uma identidade nacional comum, os interesses eram diversos, similar ao que ocorre na obra em análise. Apesar de o local da história ser as futuras Ilhas Britânicas, neste momento, os dois povos que nela habitam estão divididos e em conflito pela soberania do lugar, não havendo uma integração identitária nacional. A situação é agravada pelo procedimento de remoção da magia que resulta em um grupo com uma imagem distorcida de si, seus indivíduos constantemente assombrados pela heterogeneidade de sua constituição, aplicando-se a eles a exortação de Quijano (2000, p. 242): “es tiempo de aprender a liberarnos del espejo eurocéntrico donde nuestra imagen es siempre, necesariamente, distorsionada. Es tiempo, en fin, de dejar de ser lo que no somos”.

Em suma, as considerações sobre eurocentrismo, alteridade e direitos humanos dos estudiosos utilizados ressoam com o narrado em *The wizards of once*, em que a líder dos guerreiros busca unir os povos de uma maneira forçada, tentando converter todos à sua cultura e visão de mundo, pois a considera superior. Para isso, retira a magia dos indivíduos que captura, o equivalente a destituí-los de sua raiz identitária, e os mantém reféns até



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

reajustarem-se a sua nova realidade e integrarem-se à cultura do dominador. Porém, essa unificação não ocorre nesse primeiro livro, não havendo um nativo que tenha se integrado à cultura guerreira, tanto aqueles que ainda possuem magia, quanto os que a perderam se mantêm resistentes ao discurso etnocêntrico dos que “invadiram do mar”. Sendo assim, o conflito não é resolvido (exceto entre os protagonistas e alguns personagens secundários, que conseguem trabalhar juntos e desenvolver uma amizade, apesar de terem sido ensinados a se odiarem por provirem de clãs rivais). Adicionalmente, os “seres-outrora-mágicos” foram libertos do cárcere, mas continuam a enfrentar a problemática de reencontrar seu lugar no mundo e redimensionar a imagem que possuem de si, com um pé no seu passado fantástico e outro fora dele. Em uma nota final curiosa, o epílogo da história indaga o que ela exatamente significa: “You have to listen to the stories, for stories always mean something. But what worries me is... what exactly DO they mean?”¹⁸ (COWELL, 2017, p. 371). E, não seria essa uma propriedade crucial a toda narrativa que se supõe artística, questionar a realidade e a si?

Referências

BORTOLUCI, José Henrique. Para além das múltiplas modernidades: eurocentrismo, modernidade e as sociedades periféricas. *Revista PLURAL*, Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP, v. 16, n. 1, p.53-80, jun. 2009.

COWELL, Cressida. *The wizards of once*: book one. London: Hodder Children's Books, 2017.

COWELL, Cressida. *No tempo dos feiticeiros*. Trad. Marina Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PATERSON, Janet. Pensando o conceito de alteridade hoje. Trad. Alcione da Cunha Silveira. Entrevista. *Revista Aletria*, v. 16, p.13-19, jul. 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201-246.

¹⁸ Precisamos ouvir as histórias, porque elas sempre têm uma mensagem. Mas o que me preocupa é... QUAL mensagem é essa? (COWELL, 2018, p. 389).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramentos/convergências*: ensaios de crítica feminista. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

ZILBERMAN, Regina; CADEMARTORI, Ligia. *Literatura infantil*: autoritarismo e emancipação. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984.